

1. Pedagogia do Passado
K. Anne Pyburn, Indiana University, USA

Se a arqueologia pode ser suporte para a violência política, deve existir uma maneira de antecipar esta situação, colocando-a como promotora de soluções de paz em conflitos políticos. A chave para a revolução na arqueologia está no reconhecimento das mensagens sutis que nós perpetuamos através do conhecimento que “herdamos” e no aprender a ensinar dentro de um paradigma anti-colonial.

2. Ensinando História da Arte Maia
Marvin Cohodas, University of British Columbia, Canada

Os 30 anos de experiência docente levaram o autor a reconhecer importantes questões que surgiram através da apresentação da história da Arte Maia. Compreendendo as ramificações políticas de seus esforços, ele assumiu a sua responsabilidade nestas, envolvendo a comunidade Maia em suas atividades docentes e em suas construções do passado, o que para ele melhorou tanto a qualidade do ensino como a ética de sua prática.

3. Fato ou Especulação? Como Uma Perspectiva Feminina Pode Ajudar Estudantes a Entender o que os Arqueólogos Sabem e o por que Eles Pensam que Sabem
Julia A. Hendon, Gettysburg College, USA

Se formos sérios em relação à importância da educação e da comunicação, então deveremos considerar a pedagogia arqueológica. O ensino da arqueologia para estudantes de graduação será mais bem sucedido quando questões de método, teoria, e ética forem tratados como aspectos centrais e integrados da prática arqueológica. A partir de exemplos de minha experiência docente em várias instituições acadêmicas diferentes, eu discuto a maneira pela qual a pesquisa inspirada no feminismo pode servir como uma abordagem pedagogicamente útil para introduzir a realidade dos projetos de pesquisa, do uso de múltiplas linhas de evidência e da verificação das interpretações.

4. A Revolução Será Televisionada: Educação em Arqueologia na África e o Desafio da Arqueologia Pública – Alguns Exemplos da África Meridional
Alinah Kelo Segobye, Cambridge University, UK

Arqueologia é hoje reconhecida como uma fonte crítica para o desenvolvimento do patrimônio na África. Entretanto, a educação em arqueologia é precisamente infundada. Este artigo sublinha alguns dos desafios e oportunidades para o desenvolvimento da arqueologia pública na África a partir de exemplos de Botswana e da África do Sul.

5. Ensinando Arqueologia Revolucionária: Experiências Africanas em Fazer História e Gerenciar o Patrimônio
Peter R. Schmidt, University of Florida, USA

Este artigo enfoca a experiência de estudantes africanos em sua tentativa de estudar e realizar o gerenciamento do patrimônio na Tanzânia e na Eritrêia. O autor ilustra a necessidade de abordagens práticas que enfatizem a tomada de decisão independente e do crescimento da auto-confiança profissional em contextos de desenvolvimento rápido e de revolta política. Essas perspectivas de ensino provocam uma resposta positiva nos alunos que vêem a oportunidade de fazer a arqueologia de sua própria herança a partir de seu próprio ponto de vista.

6. Rituais do Faz de Conta: Reflexões na Relação entre Arqueologia e Educação através da Perspectiva de um Grupo de Crianças no Rio de Janeiro, Brasil.
Marcia Bezerra, Universidade Católica de Goiás, Brasil

Este artigo relata uma pesquisa entre um grupo de estudantes brasileiros entrevistados para com o objetivo de saber de que forma vêm arqueologia, como o seu conhecimento do passado afeta a

sua interpretação do presente e como a sua experiência do presente informa suas visões do passado.

**7. *Mesolore: Ensinando a Pensar Criticamente*
Liza Bakewell and Byron Ellsworth Hamann, Brown University**

Os autores são os criadores do Mesolore, um programa educacional multidisciplinar criado para ensinar o passado e o presente das culturas mesoamericanas para estudantes. Eles descrevem a estrutura e o propósito de seu envolvimento multidisciplinar e multivocal com a arqueologia.

**8. *Ensinando com Intenção: O Arqueologia de Gênero*
Bettina Arnold, University of Wisconsin-Milwaukee, USA**

Este artigo discute as relações do ensinar para a expressão política, em particular o papel da crítica feminista no desenvolvimento da arqueologia e o lugar desta crítica na sala de aula.

**9. *Mundo de quem? Arqueologia de quem? O Presente Colonial e o Retorno do Político*
Yannis Hamilakis, University of Southampton, UK**

O autor identifica um crescente e agressivo projeto colonial no Iraque e no Afeganistão e considera catastrófica a falha da comunidade arqueológica ocidental em responder apropriadamente à questão em ambas as nações. A atitude de ênfase na arqueologia está realmente contribuindo não só para a legitimidade de uma guerra ilegal e antiética, mas também para a reprodução de um regime de poder e de verdade que a guerra procura estabelecer. Ele convoca o WAC a descentrar o mundo tal como visto dos centros ocidentais metropolitanos, permitindo à periferia tomar iniciativa, estabelecer a sua agenda e defender epistemologias arqueológicas alternativas.

**10. *Discovering Leste Europeu: Perspectivas na Futura Cooperação do WAC com a Bulgária e os Países do Leste Europeu*
Tsoni Tsonev, Institute of Archaeology and Museums, Bulgaria**

Neste artigo eu demonstro a relação entre a formação do WAC como uma reação política e moral ao regime de apartheid na África do Sul e às mudanças na Europa com a queda do muro de Berlim. A Arqueologia, enquanto sólida disciplina, não pode mais se esconder atrás de um falso objetivismo. A necessidade de reavaliar os passados nacionalistas problemáticos, na maioria dos estados europeus, cria uma necessidade premente de se reavaliar as ligações entre arqueologia e os regimes nazista e comunista. Além disso, eu considero as realidades pós-comunistas na Bulgária e as maneiras pelas quais os arqueólogos reagem à comercialização do gerenciamento do patrimônio cultural. Sublinho questões que são importantes para a cooperação entre o WAC e a Bulgária e outros países da Europa oriental. Mais importante são os esforços cooperativos entre o WAC e arqueólogos dos Balcãs para humanizar a disciplina. Durante os anos 1990 tornou-se óbvio que através das representações visuais a arqueologia contribuiu enormemente para a manutenção das atitudes nacionalistas que promoveram a guerra nos Balcãs.

**11. *Crítica Pós-Colonial numa One World Archaeology: Onde está o lugar da África do Norte?*
Elena A.A. Garcea, Università di Cassino, Italy**

Há muito tempo a África do Norte tem sido considerada como uma extensão do sul europeu. Quando ficou claro que os arqueólogos norte africanos adotaram uma dinâmica não europeia, eles foram excluídos dos debates contemporâneos e das atualizações. Este artigo oferece uma crítica pós-colonial derivada de muitos anos de trabalho de campo em dois países árabes africanos: Líbia e Sudão. Eu começo por desconstruir os papéis sujeito/objeto do arqueólogo, o que leva a uma visão recriada do presente. Em seguida, eu discuto a perspectiva do arqueólogo sobre o desenvolvimento econômico e a exploração de recursos. Finalmente, eu sugiro o reposicionamento da África do Norte no debate arqueológico contemporâneo, assim como em relação aos eventos políticos e sociais em andamento.